

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA – MESTRADO PROFISSIONAL**



Produto

**O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA LICENCIATURA
DE MATEMÁTICA:
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES**

ESTER VELLAR KRAUSE

Pelotas, 2015

1. REFLEXÕES INICIAIS E JUSTIFICATIVA

Este texto reflete os meus pensares sobre o papel do Estágio Curricular Supervisionado em um curso de licenciatura. Essas reflexões foram realizadas a partir da convivência com acadêmicos oriundos das licenciaturas reestruturadas a partir das Resoluções 1 e 2 de fevereiro de 2002 do CNE/CP¹, precisamente no que se refere ao estágio no Ensino Fundamental e Médio dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Matemática.

Como professora de Educação Básica, convivo em meu espaço de trabalho com muitos estagiários de diversas áreas do conhecimento e, ao ouvi-los em reuniões da Escola, em conversas informais na sala dos professores, percebo uma grande preocupação e às vezes até insegurança, em relação à prática que desenvolvem ou pretendem desenvolver em suas aulas de estágio.

Percebo que há muito para se realizar em termos de formação inicial, visto que, muitos desses alunos, após o estágio, talvez por falta de uma política educacional que atenda seus interesses e necessidades, de uma valorização e reconhecimento da profissão, acabam optando por continuar seus estudos em pós-graduação *strictu sensu*, com bolsa de estudos de valor superior ao salário médio de um professor de escola pública e se afastam da sala de aula.

Considero que os conhecimentos específicos e da formação em um curso de licenciatura possuem um papel fundamental na formação dos futuros docentes. Por este motivo, torna-se necessário o acompanhamento na formação inicial de professores e, mais do que isso, um estudo aprofundado sobre as questões que permeiam o desenvolvimento da prática ao longo da graduação nas licenciaturas, formando profissionais cada vez mais qualificados para o dia a dia da sala de aula.

A partir das conversas que tenho com os estagiários, para os quais coloco à disposição minha sala de aula, percebo uma frustração em relação ao estágio e observo como tem sido o impacto que o licenciando sofre ao entrar pela primeira vez na escola, como

¹ Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p.31. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, em cursos de licenciatura de graduação plena. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php86>>. Acesso em: 02 de agosto de 2013.

Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. Diário Oficial de União, Brasília, 4 de março de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php86>>. Acesso em: 02 de agosto de 2013.

professor. Talvez pelo fato desse sujeito ter uma ligação com a escola como na época em que ele era aluno; e, nessa etapa da formação ele irá se colocar no papel de professor.

Outro fato relevante: entre os professores da escola onde trabalho, com algumas exceções, é que existe uma complexa discussão sobre o interesse em receber ou não os estagiários, e percebo que não há conhecimento da legislação com relação a este momento de convivência com o futuro professor.

Assim, a partir destas reflexões, organizei a sequência da minha dissertação, apresentando novamente, a trajetória metodológica, após um histórico do Estágio em nosso país. Para saber o que está sendo produzido sobre a temática, apresento um estado da arte. Na sequência apresentarei um referencial teórico para os estudos sobre o Estágio Supervisionado, buscando ampliar nossas compreensões sobre os principais conceitos necessários à realização dessa pesquisa.

Seguindo meu relatório, trago a palavra de meus sujeitos – os estagiários – com suas narrativas anteriores e posteriores a vivência do estágio.

Apresento a seguir o produto dessa dissertação, que é a transformação da escola pesquisada uma “Escola Polo” para estagiários da UFPel, onde os professores da escola junto com os professores da universidade, podem construir um suporte adequado para receber, orientar e acompanhar os estagiários nas tarefas escolares.

Finalizo este texto com minhas considerações finais e a expectativa de ter contribuído para o progresso do diálogo entre a universidade e a escola a fim de, conforme Freire e Fernandes, avançar ao encontro de uma educação libertadora “por onde os homens tomam consciência de si em relação com os outros e com o mundo da natureza e da cultura, da mediação pelo trabalho e pelo diálogo como potencialidade existencial do ser humano” (FERNANDES, 2008, p.149).

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára o tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única.

Walter Benjamin

Neste capítulo apresento as questões que me levaram ao caminho metodológico e aos objetivos desta pesquisa.

Problemática:

Como relatei anteriormente, há muito tempo as questões relativas à formação do professor me preocupam; as razões são várias: gosto pela minha profissão, preocupação com os novos professores que chegam na escola, os termos tratados na formação continuada, as políticas públicas que nem sempre são estudadas na formação inicial e na continuada, a postura de insegurança dos estagiários que começam uma vida profissional, os estudos e reflexões realizadas até aqui, no mestrado, a vontade de contribuir com as novas gerações de professores e o espaço que as últimas legislações definiram para a Escola em termos de formação inicial. Essas preocupações somadas às palavras do professor Nóvoa

O lugar de trabalho do professor é a escola. Neste sentido, ela ocupa, necessariamente, um papel muito importante na sua formação. Tanto na formação inicial como na formação continuada. Não é possível ser médico sem a vivência do hospital. Do mesmo modo, também não é possível ser professor sem a vivência da escola. Porém, é importante reconhecer que muitas escolas são pouco inspiradoras e rotineiras. Assim, quando se diz que a escola é central para a formação de um professor, não é para que ele "repita" o que lá se faz, mas para que, a partir de um conhecimento prático, ele seja capaz de construir a sua identidade profissional e de encontrar a sua própria maneira de estar na escola e de ser professor (NÓVOA, 2013)

me levaram a essa pesquisa e às seguintes questões que agora apresento.

Questões orientadoras da investigação:

Como tem sido a relação da UFPEL com a sala de aula da Educação Básica e com os profissionais que estão atuando dentro dela?

Qual a responsabilidade do curso de Licenciatura Matemática no que se refere a formar profissionais preparados para a docência?

Qual a relevância do estágio docente para formação de um profissional que dará aulas?

Objetivo Geral:

- Compreender como se processam as relações entre Escola Básica e Universidade para a constituição da docência na formação inicial (licenciaturas).

Objetivos Específicos deste projeto (relação com a questão da pesquisa):

- Observar a relação entre a Universidade e a sala de aula da escola de Educação Básica;
- Analisar as ações dos acadêmicos, preparados pela Universidade, no período do Estágio Curricular Supervisionado;
- Identificar a importância do espaço destinado ao estágio para a formação docente.

A abordagem da pesquisa será qualitativa porque, nesta modalidade, o espaço natural tem uma relação direta com os dados e, para o pesquisador, cuja presença é fundamental, uma importante ferramenta. Este tipo de pesquisa demanda a compreensão de fenômenos sociais de maior relevância, que envolvem o aspecto subjetivo da ação social (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Para Bogdan & Biklen (1994, p.36), os anos sessenta, “tornaram os investigadores educacionais mais sensíveis a esse tipo de abordagem”. Antes, essa modalidade de investigação não era utilizada pelos educadores, mas, sim, pelos antropólogos e sociólogos. Utilizarei esse tipo de abordagem em um estudo de caso porque acredito que é a melhor forma de explorar e refletir sobre as questões orientadoras desta pesquisa. Dessa forma essa pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa em um estudo de caso com princípios etnográficos (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Para coleta de dados vou me apoiar nas narrativas dos sujeitos dessa pesquisa, que foram convidados a participar da mesma nos semestres de 2013/2º e 2014/1º, onde

acompanhei a professora Denise, minha orientadora, no desenvolvimento das disciplinas de Trabalho de Campo I; este acompanhamento se caracteriza como o estágio na disciplina de Prática de Ensino Supervisionado, que é uma exigência do PPGECM.

Convivendo com os acadêmicos e no desenvolvimento da disciplina, apresentei a estrutura do meu projeto de pesquisa e convidei todos para que realizassem seus estágios na escola que trabalho. De todo o grupo de acadêmicos apenas 5 se propuseram a participar da pesquisa. Todas são mulheres e a média de idade é de 20 anos. E esse estágio era o primeiro contato com uma Escola na condição de futuros professores. Das cinco acadêmicas que se propuseram a participar da pesquisa, duas estudaram nessa escola.

Este grupo de 5 interlocutores caracterizam o meu estudo de caso; como antes me referi. E meu trabalho com estes sujeitos começou com uma conversa/narrativa onde elas falaram sobre suas expectativas em relação ao estágio que iriam iniciar. Estas narrativas são os primeiros documentos que compõe minha análise. Durante todo o período que estes sujeitos estavam na Escola, eu as acompanho juntamente com as professoras titulares destas turmas. Este acompanhamento é registrado em um caderno denominado “diário de bordo” nele todos os momentos são uma forma de registro, ou seja, minhas observações, as conversas e comentários das estagiárias, as narrativas dos professores titulares dessa Escola e a narrativa da professora orientadora de estágio. Todos estes elementos compõe esse estudo de caso.

No término do estágio realizarei com as acadêmicas uma segunda conversa com questões semi-estruturadas, como mais um recurso para contribuir na coleta de dados para esse trabalho. E, como no término do estágio as acadêmicas devem preparar um relatório sobre esta vivência; trabalhei junto às futuras professoras, com a finalidade de compreender este momento da escrita e, posterior entrega da mesma ao professor orientador dos estágios da Universidade.

Todas as narrativas foram gravadas com a devida autorização e o termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice A) para participar da pesquisa. Desde o momento em que as estagiárias começarem a fazer as observações na escola que é uma etapa da disciplina de Trabalho de Campo I, onde fiz o primeiro contato com os acadêmicos que concordaram em participar deste trabalho, para colhermos dados sobre as expectativas das mesmas em relação ao estágio supervisionado e, ao final do estágio, foram gravadas outras conversas/narrativas para que falassem das suas experiências como professoras, durante esse período. As narrativas foram transcritas, tomando-se o cuidado de omitir os dados que personalizem as entrevistadas e devolvidas às autoras para que estas leiam e concordem, ou

não, com o todo ou parte do texto. As narrativas dos professores titulares e da professora orientadora, igualmente receberam o mesmo tratamento.

Os dados foram organizados para serem estudados e compreendidos e, logo após, a pesquisadora fez a análise textual de dados – ATD² – num processo de leitura e estudos contínuos para a identificação das categorias. Segundo Moraes e Galiazzi (2010) as pesquisas qualitativas partem de textos existentes ou produzidos em pesquisa e, buscam aprofundar a compreensão dos fenômenos que investigam a partir de uma análise rigorosa e criteriosa; a intenção é reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados.

Moraes & Galiazzi explicam que a análise textual discursiva se organiza em torno de quatro focos:

1 – *Desmontagem dos textos*: também denominado de processo de unitarização, implica examinar os textos em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados.

2 – *Estabelecimento de relações*: este processo denominado de categorização envolve construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias.

3 – *Captando o novo emergente*: a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada nos dois focos anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de sua crítica e validação, constituem o último elemento do ciclo de análise proposto. [...]

4 – *Um processo auto-organizado*: [...] Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos. Mesmo assim é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência do novo possa concretizar-se (MORAES & GALIAZZI, 2010, p.12).

Nesse sentido, busquei, no ‘*corpus*’ da pesquisa, novas compreensões sobre como se processam as relações entre Escola Básica e Universidade para a constituição da docência na formação inicial (licenciaturas).

Como uma das características do Mestrado Profissional é ter um produto final, elaborei, como produto, um roteiro de orientação para recepção e acompanhamento dos acadêmicos durante a realização do estágio e organizei, na minha escola, com todo apoio da equipe administrativa e do Conselho Escolar, um espaço físico que está sendo denominado de

²A análise textual discursiva corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e a análise do discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico (MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: editora UNIJUÍ, 2010, p.9).

Laboratório de Estágios, onde a partir de um roteiro de orientação, este espaço receberá os acadêmicos para as reuniões iniciais.

Haverá neste espaço o projeto pedagógico da Escola, os documentos oficiais do MEC, SEDUC, 5ªCRE, o IDEB, os projetos que a Escola participa (PIBID, +Educação, Novos Talentos, Escola Aberta), dentre outros, e uma bibliografia para consulta local, onde o acadêmico possa encontrar os PCN's, textos do MEC e SEDUC, livros de autores que se dedicam a pesquisar o estágio, formação inicial, acervo de textos acadêmicos como dissertações e teses.

Dessa forma minha intenção, que está se concretizando é transformar a escola pesquisada uma “Escola Polo” para estagiários da UFPel, onde os professores da escola em reuniões regulares com os professores da universidade, podem construir um suporte adequado para receber, orientar e acompanhar os estagiários nas tarefas escolares. Neste contexto há possibilidade de um espaço, também, para o professor da escola básica acompanhar algumas aulas na Universidade, junto com o professor orientador de estágio para troca de saberes da docência.

3. Experimentando o pretendido

No dia 22 de maio de 2015, uma sexta-feira, às 14 horas, realizou-se uma aula da disciplina de Trabalho de Campo II, com os acadêmicos do Curso de Matemática que pretendem estagiar no segundo semestre deste ano. Esta foi minha primeira aula e marcou o início da minha proposta de produto, projeto que foi elaborado a partir da minha pesquisa de Dissertação para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

A aula foi ministrada por mim, com apoio da professora titular da turma, minha orientadora. Também estiveram presentes a Coordenadora do turno da tarde da Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, Professora Lucy Rosa da Silva, que falou sobre a recepção e acolhida dos estagiários, bem como de todo processo burocrático necessário para a entrada dos acadêmicos na instituição escolar: observação de algumas aulas e o começo do estágio em sala de aula. A Coordenadora Geral da Escola, Professora Siara M. Nietiedt se deteve na parte do conhecimento adquirido nesse processo, tanto pelo estagiário como pelo professor titular da turma, que devem fazer um trabalho colaborativo onde os dois aprendem maneiras diferenciadas de trabalhar em sala de aula, por isso a importância do professor titular

acompanhar o futuro professor durante o tempo de estágio, e do compromisso social que cada professor tem de mudar o ser humano para melhor.

A minha fala abordou o pensamento do professor António Nóvoa, que expõe em diversas entrevistas o seu desejo em trazer a Universidade para dentro da Escola, e também demonstra a sua vontade de que as Licenciaturas copiem o modelo da Faculdade de Medicina, no qual o académico acompanha um caso clínico com o professor, desde o início do curso; assim também o licenciando deveria acompanhar um professor para aprender com ele.

A Professora Denise falou sobre a importância que é para o académico do Curso de Licenciatura em Matemática ter essas aulas dentro da Escola Básica, citando Paulo Freire (1997), António Nóvoa (1995) e outros, como exemplos de teóricos para estudos com os estudantes e com os professores da Escola. Também participaram dessa aula alunos dos primeiros e dos segundos anos do Ensino Médio da Escola.

Esta aula foi a primeira de um trabalho que poderá se tornar rotina para a formação continuada na Escola e para a formação inicial dos académicos dos Cursos de Licenciaturas da Universidade e, ainda, para os estudantes do Ensino Médio, poderá ser a orientação que o Professor António Nóvoa (2011) defende em suas entrevistas: que o Curso de Licenciatura seja a primeira escolha do aluno e não a segunda ou terceira opção.